

Filme é Linguagem: As identidades de Carol Nguyen

Entrevistadores: Dieter Axt¹, Guilherme Bragança²

*Submetido em 22 de novembro e aprovado em 6 de dezembro de 2017.*³

Premiada cineasta canadense-vietnamita, Carol Nguyen já conta, aos 19 anos, com mais de sessenta participações em festivais de cinema ao redor do mundo. A cineasta já dirigiu 10 curtas entre a *high school* e a universidade, discutindo, em especial, identidade e heranças culturais. Embaixadora do *Toronto International Film Festival* (TIFF) pela campanha *Share her journey*, Nguyen foi premiada três vezes no *TIFF Jumpcuts*, além de ser duas vezes vencedora do *Grand Prize High School Winner*, no *Heartland Film Festival*.

Nguyen foi uma das cineastas convidadas ao 45o Festival de Cinema de Gramado (Brasil), no qual o Canadá figurou como país homenageado. Durante o Festival, Nguyen expôs três curtas-metragens e compôs o painel “Mulheres do audiovisual”. O painel, que contou ainda com a participação da cineasta canadense Amber Fares, da produtora Lucy Barreto, de Eloiza Mara da Silva, da Ancine, e de Eva Piwowarski, curadora do Festival de Cinema de Gramado, debateu a questão de gênero na indústria cinematográfica, sob a moderação do Cônsul-Geral do Canadá em São Paulo, Stéphane Larue.

Nesta entrevista, realizada em agosto de 2017, em Gramado, Nguyen comenta os temas que atualmente movem a sua produção. Descendente de imigrantes vietnamitas, Nguyen se vale de sutil poética visual para representar permanências, perdas e ressignificações de costumes tradicionais e familiares constantemente entrepostos na fusão de horizontes culturais. *Uprooted* (2013), uma de suas primeiras produções, é uma animação que conta a história da penosa saída de seu pai do Vietnã – país que a cineasta ainda não conheceu – e de sua posterior adaptação ao Canadá. Em *How do you pronounce pho?* (2014), Nguyen retrata a dificuldade de preservação de costumes diante da inserção em uma comunidade estranha. Como preparar um prato cujo ingrediente principal não pode ser encontrado nas gôndolas dos mercados? E como transmitir tal conhecimento a seus descendentes? Nguyen afirma que três gerações são suficientes para que uma cultura seja assimilada. Essa problemática é latente em seu último curta-

metragem, *Every grain of rice* (2017), em que a cineasta expõe a angústia de fazer parte desta geração de transição. No filme, Nguyen narra memórias que se confundem com seus próprios sonhos e com histórias transmitidas por seus antepassados, afirmando que “quando alguém morre, sempre leva algo consigo”. Nguyen ampara boa parte de sua produção na tradição oral, em narradores que abrem janelas de cognição para o passado e para identidades perdidas ou em transformação.

Você é uma jovem cineasta no começo do que já parece ser uma interessante e reconhecida carreira. Até onde sabemos, seus filmes são todos curtas-metragens. Como esse formato funciona para você? Você pensa em produzir longas-metragens?

Eu tenho apenas 19 anos e ainda não me sinto preparada para filmar um longa-metragem. E o que vem acompanhado de um longa-metragem é o orçamento de produção, certo? Muito dinheiro! Eu não estou em um momento suficientemente estável da minha carreira para fazer isso. Entretanto, eu sei que, quando estiver pronta para fazê-lo, vai ser um documentário. Mas, por enquanto, muitos curtas-metragens estão ganhando visibilidade, sendo um formato mais conveniente para as histórias que quero contar, por serem mais compactos e por eu não precisar tanto tempo para explicá-las. Mas, sim, talvez em alguns anos eu faça um longa-metragem.

Você já sabe sobre o que vai ser o documentário?

Sim. Em todos os meus filmes, nós podemos ver uma ligação entre cultura, família e identidade. Eu realmente gostaria que meu primeiro longa fosse um documentário. Documentar meus pais voltando para o Vietnã pela primeira vez, porque eles deixaram o país muitas décadas atrás e ainda não retornaram. O Vietnã não é mais a terra natal deles. Não é mais o país onde eles cresceram. Ver esse retorno e conectar-me com as minhas raízes pela primeira vez vai ser uma experiência muito impactante. Penso que eu vou aprender muito sobre mim mesma e sobre como os meus pais cresceram. Eu verei como a transição para outro país realmente é e, também, como esse retorno os impactaria. Primeiramente, quero que isso seja um filme simbólico sobre as minhas raízes, as quais são, também, as raízes deles.

Por que você escolheu o audiovisual como uma vertente da expressão artística?

Porque filme é uma linguagem universal. Há três componentes para filmar: a parte do áudio, a parte visual e, então, a parte intangível, o simbólico. Você pode cortar para uma coisa e depois para outra, criando todo um novo significado. Filme é a linguagem em que você coloca duas imagens juntas: você coloca um homem em uma cena e você corta para uma mulher. Isso não representa mais um homem e uma mulher. Isso cria desejo, cria paixão, amor. Essa língua universal permite conectar-me com qualquer um. Você não tem que falar inglês para entender o filme de alguém. Você não tem que entender vietnamita. O filme permite que você se expresse de uma forma que não exige o uso da língua. Você não tem que usar algo tangível. Filme é um meio em que você pode dizer algo sem mesmo ter que escrever qualquer coisa. Você não tem que dizer para alguém que “esta é uma cena muito dramática”. Você pode sentir isso! Porque todo mundo é humano e todo mundo sabe como é sentir tristeza, como é sentir amor. Então, vendo uma boa cena você pode ser instigado. Um filme permite isso a você, e, com minhas experiências enquanto segunda geração de canadense-vietnamita, há frequentemente várias experiências que eu sequer consigo explicar a mim mesma. Porém, eu posso mostrar isso na tela, posso fazer alguém atuar ou editar de uma maneira que você possa sentir o que eu sinto. Há algumas experiências, alguns sentimentos dramáticos que eu tenho, que eu não consigo comunicar verbalmente.

A produção de um filme exige um grande número de elementos que precisam ser cuidadosamente pensados e trabalhados. Nos seus filmes, nós vemos que você contempla a maioria dessas posições, tais como direção de arte, direção de cena, fotografia, produção, engenharia de som, dentre outros. Você realmente é uma filmmaker. Existe uma razão especial para você conceber esses múltiplos detalhes nas suas produções?

Eu vou falar, especialmente, sobre direção de arte, porque acho que sou mais precisa com direção de arte, e isso retorna à linguagem e aos símbolos. Eu realmente gosto de empregar significado e interpretação simbólica na minha direção de arte, porque há tanto que eu quero passar que eu não consigo dizer ao longo da narrativa do diálogo por si só. É muito importante para mim inserir minha própria herança cultural

e meus entendimentos sobre o que estou falando no filme. Então, por exemplo, eu uso muito a cor branca e a cor branca é muito pessoal para mim, porque eu tenho duas identidades: a identidade ocidental e a identidade vietnamita, asiática. Isso é muito ambíguo, às vezes. A cor branca, para os ocidentais, representa paz, esperança, você utiliza em casamentos e é puro. Porém, para muitos asiáticos é praticamente o contrário. Branco na cultura asiática significa morte. E branco, para mim, tem uma relação muito pessoal, pois, quando criança, cresci entre muitas mortes e funerais. Eu utilizo bastante branco porque eu quero enfatizar que há um duplo significado na minha identidade, que é um duplo significado entre vida e morte, amor e esperança. E isso é apenas um exemplo. Eu busco que tudo em meus filmes tenha significado. Eu sinto que isso é importante se você está tentando construir um mundo. Tudo deve estar lá por uma razão. Mesmo com o que meus personagens vestem. Em *Façade* (2016), por exemplo, todos vestem gola alta (*turtle neck*), porque eles estão sufocados naquele ambiente, eles não conseguem respirar, porque eles estão lá isolados, sozinhos. Então, com a minha arte eu acredito que sou muito precisa porque eu quero que tudo tenha significado. E, se alguém me perguntar algo sobre isso, eu posso apontar porque está lá e também qual o seu significado.

Em geral, as artes, assim como a literatura, a música e o cinema, enquanto manifestações estéticas de uma forma de ser-no-mundo, têm uma habilidade especial para humanizar o olhar do outro. Qual a importância do diálogo com os outros na formação de nossa identidade? O quão importante é introduzir reflexões sobre a identidade cultural em um mundo onde a aparente diluição dos limites geográficos não corresponde, necessariamente, à aceitação das diferenças?

Creio que essa é uma pergunta muito boa. Este mundo de multiculturalismo está crescendo, e é isso que o nosso mundo vai ser. Minha geração, especialmente na América do Norte, é a geração em que nossos pais foram imigrantes. Eles vieram para a América do Norte, construindo-a não só de pessoas brancas, mas étnicas. É assim que será. Minha geração é a geração que está crescendo e contemplando sua identidade, pois está inserida na sociedade ocidental, mas tem uma identidade completamente

diferente em casa. Então, esse tema, que eu não chamaria de crise de identidade, mas de um tema e de um conceito, é a única coisa em nosso mundo que estará crescendo nessa taxa exponencial. Em razão da globalização, as pessoas estão se abrindo e indo para lugares diferentes agora. Você sabe, quais são as chances de eu me casar com homens vietnamitas ou asiáticos?

Isso é algo sobre o qual temos que falar, porque é onde o nosso mundo está agora. Especialmente na América do Norte, onde o multiculturalismo é uma coisa tão grande. E quando falamos de multiculturalismo isso é realmente celebrado, você sabe, "oh, somos diversos, parabéns, temos pessoas asiáticas, negras, brancas, temos todas". Aquilo que não falamos é que o multiculturalismo é uma maneira muito amigável de assimilação, o que, por sua vez, é uma perda de cultura. É com isso que estamos lidando. Tenho a preocupação de que um dia meus filhos não entendam meus pais e o idioma deles. Meus filhos não entenderão o vietnamita. Meus filhos não entenderão como é se sentir vietnamita, o que é ser vietnamita, porque, quem sabe, seu pai pode ser alguém de outra cultura, e é isso com o que temos que lidar. Não é necessariamente uma coisa ruim, não é ruim de modo algum. Sou muito orgulhosa de ser canadense e vietnamita. Mas é algo sobre o qual temos que falar, porque muitas pessoas como eu não tem tanta clareza sobre sua identidade e isso precisa ser discutido. É preciso o apoio de outros, que são como nós.

Canadá é o país homenageado no 45º Festival de Cinema de Gramado. Qual é a importância de promover essa troca, especialmente no campo do cinema?

Eu acho que é extremamente importante por causa da cultura e da indústria. Culturalmente, quanto mais conhecimento você puder espalhar enquanto ser humano, para outros diferentes, penso que isso é lindo. Porque todos nós temos experiências diferentes nesta Terra e se você puder expressar isso para um outro alguém e conhecer alguém que é totalmente diferente e se relacionar com ele, isso é bonito. Seja Canadá, Brasil ou dois outros países. Mas eu também acho que é muito importante que duas indústrias se conectem, a indústria brasileira (sul-americana) e a indústria norte-americana. Porque atualmente o cinema é tão exclusivo de Hollywood. E Hollywood é

muito... apenas americanos. E a forma como o sistema está construído não o torna nada inclusivo para mulheres, para pessoas étnicas, para mulheres étnicas, homens étnicos de todos os povos. Então, se pudermos entrar em Hollywood, nossa responsabilidade é criar algo melhor, para criar inclusão para nós mesmos. E é isso que estamos fazendo agora com essa conexão entre Canadá e Brasil.

O painel para o qual você foi convidada a participar durante o Festival tem suas raízes na questão do gênero na indústria cinematográfica. Por que é importante trazer essa discussão para a programação oficial do Festival?

Foi um ótimo painel. Eu me sinto muito feliz com a forma como foi e acho que precisamos de mais eventos como este para criar uma melhor equidade para mulheres e pessoas étnicas no cinema, porque o que precisamos agora é equidade e não igualdade. E o que isso significa é que não temos as mesmas vantagens que os homens na indústria. Então precisamos dessa alavancagem e desse suporte para chegar lá. Para além disso: mais painéis e oficinas para educar mais pessoas e conscientizá-las.

Muitas pessoas pensam que a equidade é injusta, mas o que a equidade realmente significa é, por exemplo, se houver uma pessoa com deficiência e uma pessoa como eu, a igualdade vai estar forçando todos nós a subir escadas, e essa pessoa com deficiência não pode subir as escadas porque ela não tem esse privilégio da saúde como eu tenho. Equidade significa que nós daremos a essa pessoa uma rampa, algo com a qual ela possa competir. Então é isso que precisamos para as mulheres neste momento, e essa exposição e os painéis farão isso.

Posso dizer, com certeza, que está funcionando, porque, como jovem cineasta, eu pude sentir essa luta que as colegas cineastas que me precederam lutaram por mim, para que eu possa experimentar o privilégio que tenho no cinema agora. Eu devo agradecer às mulheres que vieram antes de mim e que enfrentaram discriminação e sexismo, permitindo que pessoas mais jovens, como eu, tivessem a possibilidade de estar aqui. Sem isso, eu não estaria onde estou, então apenas direi "continue o que estamos fazendo que um dia chegaremos lá".

O que é e como funciona campanha Share her journey? Qual a importância de projetos assim para a equidade de gênero na indústria cinematográfica?

A Share her journey é uma campanha do TIFF⁴. Eles estão selecionando mulheres embaixadoras, como eu, e outras embaixadoras em todo o mundo, para compartilharmos nossas histórias no cinema, ajudando, assim, a empoderar outras mulheres. A nossa meta maior é arrecadar 3 milhões de dólares no período de 3 anos. O que eles irão fazer com isso será criar mais oficinas com mulheres sobre negócios e filmes, sobre habilidades técnicas e sobre narrativas, para que assim possamos ter as ferramentas e competir com pessoas que já estão na indústria. Isso é basicamente o que a campanha é, e o TIFF está fazendo um ótimo trabalho ao tentar criar inclusão. Eles estão tentando fazer meio a meio a seleção de diretores (entre homens e mulheres) em seu festival atual. Então, todos os anos, eles estão promovendo igualdade de gênero, inclusive em suas oficinas mais jovens, posso garantir, pois vim do setor mais jovem do TIFF chamado Jumpcuts, que foi meio a meio entre homens e mulheres. No que diz respeito ao Canadá, posso dizer que um terço da nossa indústria é executada por Hollywood, o que não é bom, porque não temos controle sobre isso. Eles gravam no Canadá, trazem suas próprias equipes, podem contratar quem eles querem contratar e não podemos ter muito controle sobre isso. Mas com a cena independente, a cena underground, estamos melhorando. Especialmente com as outras cenas, como as da minha geração na universidade. Podemos escolher nossas equipes para trabalhar. Então, isso está melhorando muito.



Carol Nguyen

Notes

¹ Mestrando em Direito, Universidade de Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, RS, Brasil. dieteraxt@hotmail.com

² Bacharel em História da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

³ As questões são fruto de trabalho conjunto dos entrevistadores e foram propostas, presencialmente, à cineasta Carol Nguyen por estes. A coleta de material para embasá-las surgiu, sobretudo, da análise dos filmes de Nguyen, disponíveis em sua página no site *Vimeo*, a partir dos quais os entrevistadores debateram a formulação das questões conforme suas áreas de atuação. A transcrição foi realizada, também, de forma conjunta, a partir da reprodução do áudio da entrevista gravada com a cineasta durante o 45º Festival de Cinema de Gramado. A tradução foi realizada por Lucas Moser Goulart. A revisão da tradução foi realizada por Ingrid Gehlen Castro.

⁴ Toronto International Film Festival.